



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 12 - Ano 6 - Nº 12 - Julho / 2018
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

4 – Francelina – uma vida dedicada ao amor

*Celeste Carneiro

Registros dos ciclos da vida



Foto: Celeste Carneiro

Francelina Carneiro dos Santos nasceu na Fazenda Cabaceiras, em Miguel Calmon, Bahia, no dia 09 de maio de 1923.

Aos três anos de idade ela e a família foram morar na cidade de Miguel Calmon. Logo depois da mudança seu pai faleceu de gripe espanhola. Sua mãe, depois de algum tempo, casou-se de novo com um homem que foi muito bom para elas.

Gostava muito de cantar e era comum os amigos irem à sua casa para ouvi-la e, após o seu canto que encantava a todos, eles lhe retribuía com algum trocado, o que a deixava radiante!...

Ela conta sobre sua mocidade:

Eu não tinha luxo – vestido de chita, sandália, só ia pra escola e pra missa e, pra enterro de criança de família amiga. Namorar? Nem pensar. Usar pintura? Nem no sonho!! Ir pra festa? Nem pensar... Eu chorava direto e todo rapaz que tinha aproximação comigo dizia que sentia vontade de namorar comigo. Outro dizia que eu era a moça cheia de corações! Outro me olhava rapidamente na porta da rua e me dizia: Cele, na hora da minha morte você me dá um beijo? Imagine! Eu nunca beijei ninguém, como ia beijar esse jovem?

A cidade toda, quem tinha conhecimento de mim, só me chamava Cele! Com todo carinho! Nunca tive uma rival, graças a Deus.

Casei com Otávio – se for escrever, só um livro grande, pois o romance é lindíssimo, só amor e paz.

Seu primeiro filho faleceu aos 6 meses de idade, causando-lhe muita dor. Nos anos seguintes vieram mais quatro.

O seu marido trabalhava como seleiro, e, como os recursos eram poucos, conseguiu passar, em 1952, num concurso para o que viria a ser o Departamento Nacional de Endemias Rurais (DNERu), mais tarde SUCAM – Superintendência de Campanhas de Saúde Pública. Foi servir em Inhambupe-BA, onde nasceram mais três filhos. Eram cinco homens e duas mulheres.

Ela conta sobre a partida de Miguel Calmon:

Pela manhã, fomos com toda rica bagagem pra estação! Eu, aos pulos de alegria... O povo chorando... “Tu vai embora...” O meu coração aos pulos de alegria! Conhecer outros mundos, outra gente, eu, que nasci e me criei aqui, sair com quatro filhos, que alegria!

Em Inhambupe, seu marido passava a semana trabalhando nas roças, eliminando os mosquitos causadores de doenças. Ela ficava na cidade, com os filhos, tendo que se virar para suprir as necessidades.

Costumava falar: Se meu marido morrer, eu vou varrer rua, mas meus filhos vão estudar.

* **Celeste Carneiro** – Arteterapeuta Junguiana e Transpessoal (ASBART 0036/0906 – ALUBRAT SEA2 030). Supervisora Clínica. Escritora e coautora. cel5zen@gmail.com www.artezen.org

A família em Inhambupe-BA



Fonte: Arquivo da família

Com a filha caçula ainda pequena foram transferidos para a cidade de Serrinha-BA, onde ela viveu o restante de sua vida.

Sempre entusiasmada, exultava de alegria a cada mudança de domicílio. Queria conhecer lugares diferentes, fazer amizades novas.

Houve um incidente na chegada a Serrinha:

Otávio pediu a um colega que arranjasse uma casa para eles ficarem quando chegassem, mas o colega não encontrou e só disse após encontrá-lo na estação, à meia-noite. A família com os sete filhos pequenos, mais a bagagem, com cama e tudo, sem saber o que fazer. Foi quando uma senhora humilde, Júlia, que vendia lanche para os viajantes, convidou-os para ficarem na sua casa até conseguirem onde morar. Acomodaram-se numa sala pequena com duas camas de solteiro.

Dias depois, o seu colega lhe arranjou outra casa emprestada, enquanto a dona passava férias em outra cidade. Nunca conheceram esses seus benfeitores.

Alugaram finalmente uma casa no centro da cidade onde moraram por um ano e, como a casa tinha problema mudaram-se para uma outra, melhor, onde os filhos foram criados com tranquilidade.

Anos depois, Otávio comprou um terreno financiado em 20 anos e construiu, ele mesmo, com ajuda de alguns pedreiros e dos filhos, uma casa bem arejada e agradável.

Otávio estudou até a terceira série primária (equivalente ao quarto ano do Ensino Fundamental) e Francelina até o segundo ano.

Embora com pouco estudo, ambos tinham muitos conhecimentos e sabedoria. Ele medicava os animais que criava, desenhava, elaborava esboço da planta da casa nova, sabia matemática e se relacionava muito bem com as pessoas fazendo uma sólida rede de amizade. Após uma enfermidade que foi tratada em São Paulo e depois no Centro Espírita Deus, Cristo e Caridade, de Serrinha, voltou a dedicar-se, nas

horas livres, ao ofício de artesão, sendo agora sapateiro, o que aprendeu com seus familiares em São Paulo. Ele já era, desde mocinho, um excelente seleiro. Na SUCAM trabalhava como vigia noturno. Recebeu em 1986, do Ministro da Saúde Carlos Sant'Anna, um Certificado "pelos bons serviços prestados à Saúde Pública Brasileira."

Seus calçados eram bastante elogiados e a tenda vivia cheia de fregueses que gostavam de conversar com ele.

Francelina gostava muito de ler – anotava todos os livros que lia e, às vezes, escrevia sua opinião a respeito. Reunia os filhos para lhe ouvirem as leituras, geralmente livros que contavam a vida de santos, ou sobre saúde, educação sexual... Ensinava prendas domésticas aos filhos: bordar nos panos de prato ponto de cruz, ponto atrás; cozinhar, arrumar a casa. Quando mocinha, bordava como ofício, embora não fosse registrada. Costurava colchas de retalhos belíssimas e com muita perfeição.

Colchas de retalhos



Fotos: Celeste Carneiro

Costumava escrever diários, desde sua mocidade até antes de falecer. São cadernos e mais cadernos narrando a sua história de vida, o seu dia-a-dia: quem chegou, quem telefonou, o que aconteceu de importante...

Amava gatos e crianças. Gostava de orar e de fazer caridade.

Tinha um nicho com a imagem de N. Sra. do Perpétuo Socorro, por quem tinha devoção e, quando havia alguma necessidade, sua ou dos amigos, ela reunia os interessados para fazer a novena dedicada a esta santa. Sempre obtinha o

que desejava após a novena. Era a nossa garantia quando precisávamos passar em algum concurso...

Nicho com imagens sacras



Fazendo novena com o marido



Fotos: Celeste Carneiro

Ensinou aos filhos a devoção e o amor a Deus, sobretudo o respeito aos semelhantes e a prática da caridade.

Arranjou emprego para quase todos os filhos, quando estavam na adolescência. Trabalhavam aos sábados em padarias, lojas, armarinhos, armazéns... Alguns vendiam doces e miudezas na feira, dia de sábado. Ela dizia que o trabalho é sempre digno, enobrece, ensina, torna a pessoa útil, além de receber a recompensa financeira que dá independência e ajuda, ainda que seja pouca.

Em todos os eventos que participavam, em cada aniversário e a cada novo ano escolar, eram fotografados a seu pedido.

Estimulou o gosto pelos estudos. Embora sofrendo, viu seus filhos levantarem voos e irem em busca da autorrealização... Seu lar ficou só com ela e o marido, sempre ansiosos pelo retorno de um ou de outro quando podiam ir visitá-los.

Visita dos filhos e música - 2016



Foto: Celeste Carneiro

Família reunida em 1992



Fonte: Arquivo da família

Os amigos estavam sempre presentes, buscando alegrá-los.

Onde eles iam, os amigos faziam questão de visitá-los, conversando animadamente com ela, sem distância de idade.

Visita à filha em Salvador-BA



Foto: Celeste Carneiro

Cultivava flores variadas, especialmente rosas, com as quais conversava diariamente, retirando as folhas secas. Quando não podia mais fazer isso, seu filho Gildenor contratou uma auxiliar para acompanhá-la no jardim.

Algumas imagens falam muito mais do que as palavras:

O jardim de D. Celina





Fotos: Celeste Carneiro

Sua distração era ver os gatos brincando e os pintos com as galinhas e galos ciscando no quintal.



Fotos: Celeste Carneiro



Fonte: Arquivo da família

Gostava de ver as fotos dos filhos e dos netos no *Facebook*, assim como os vídeos com as crianças prodígios tocando e cantando, como mostra esta foto dela com o computador:



Fotos: Celeste Carneiro

Era frequentemente homenageada por amigos que a admiravam e a tinha como exemplo de bem-viver.

Em 2017 a TV Sertão lhe prestou esta homenagem pelo Dia das Mães:



Arte: Guto Oliveira

Neste ano de 2018, já alquebrada pelas muitas dores e limitações, e após a morte do filho que residia na mesma cidade, perdeu o gosto pela vida. Também já não estava conseguindo mais ler nem escrever, o que fazia sempre durante toda a sua vida.

Recebeu algumas visitas muito queridas da sua família e pouco tempo depois foi internada em Feira de Santana, vindo a falecer no dia 25 de junho de 2018, aos 95 anos de idade, devido a um Acidente Vascular Encefálico (AVE).

Deixou desolado o seu companheiro de toda a vida, com quem conviveu durante setenta e três anos, *em eterna lua de mel*, como costumava falar.

Francelina e Otávio – Março de 2018



Foto: Célia Maria